

Pilão mecânico: primeira patente da Escola de Agronomia

A “AgroUFG News” entrevistou o professor [Celso José de Moura](#), inventor da primeira patente da EA

Foto: Gilson Pedro Borges



Como surgiu a ideia de criação de um pilão mecânico?

Foi uma demanda do Sebrae [Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas] do Tocantins. Havia um produtor, chamado Sinobilino Barreira de Souza, que fabricava uma paçoca de carne famosa lá em Palmas, que já a comercializava e precisava ampliar o volume de produção, mas estava começando a incomodar a vigilância sanitária, a qual não estava mais aceitando que ele comercializasse o produto feito em pilão de madeira.

Eu estava prestando um serviço na área de leite, e um gestor do Sebrae Tocantins começou a me desafiar, porque dentro desse trabalho do leite eu fiz algumas coisas “fora do normal”, consideradas meio absurdas, e tudo deu certo.

Aí ele falou: “Olha, já mandei para todas as instituições de desenvolvimento, Unicamp, CETEC Minas, Rio Grande do Sul, e ninguém conseguiu achar um norte para resolver o problema”. Frente ao desafio, eu liguei para alguns parceiros que trabalham com aço inox aqui em Goiânia, e eles falaram: “Pode levar o projeto adiante que a gente dá um jeito”.

Então, fiz o projeto para o Sebrae Finep [Financiadora de Estudos e Projetos]. O financiamento todo foi via Sebrae Finep, em parceria com esse produtor, e a gente foi desenvolvendo propostas, desenhos, e construímos dois ou três protótipos, até chegar a um que se mostrou satisfatório.

Como o projeto foi gerenciado pela Funape [Fundação de Apoio à Pesquisa], um rapaz chamado Danilo, que estava finalizando o relatório, sugeriu: “Por que vocês não registram uma patente?”.

A UFG ainda não trabalhava com o registro de patentes. Então, a Funape contratou um despachante e solicitamos o registro da primeira patente da Escola de Agronomia da UFG via Funape. Posteriormente, já depois de instituído o NIT [Núcleo de Inovação Tecnológica], aí a patente foi transferida para a UFG, até ser colocada recentemente em domínio público.

Até hoje a [patente](#) do pilão mecânico é a mais demandada da UFG. Até hoje eu recebo mensagens dizendo: “Você tem o projeto? Você tem para vender?”.

Quais são as principais vantagens de um pilão mecânico, em relação a um pilão tradicional?

A primeira é a redução de esforço, e a segunda é que você atende às questões legais da vigilância sanitária. Então, nós teríamos que utilizar um material inerte, no caso o aço inox, inclusive pela facilidade dos parceiros para construir com esse material. Dessa maneira, haveria melhor controle sanitário do produto final.

O equipamento, que foi inicialmente utilizado pela empresa Rei da Paçoca, de Palmas, já está sendo utilizado por várias pessoas.

Quais foram as etapas de desenvolvimento do projeto, até que se chegasse a um produto final satisfatório?

A primeira ação foi encontrar parceiros que trabalhassem com aço inox e que topassem fazer um trabalho para o qual não se tinha muito dinheiro, que era algo novo e que poderia ou não ter apelo comercial no futuro.

Na sequência, foram desenhadas várias alternativas. Fizemos alguns protótipos que não vingaram, até chegar ao produto final.

Ao longo desse trabalho todo, a carne era preparada e a farinha resultante era testada até alcançar o ponto que o produtor queria. Por fim, chegamos ao mesmo produto que ele fazia a mão, mas sem o esforço físico, somente com energia elétrica.

Qual foi a maior dificuldade enfrentada durante a execução do projeto?

A maior dificuldade foi fazer um projeto totalmente fora do padrão de qualquer indústria de aço. Então, o tempo se prolongou muito, porque ninguém queria disponibilizar um funcionário para se dedicar ao projeto sem ganhar nada por isso.

Dificuldades menores também existiram, mas, na época, nós tínhamos um diretor que sempre nos apoiava [Edward Madureira Brasil]. Então, em momentos difíceis, você tinha um suporte superior pra você vencer determinados desafios, e isso era muito bom!

Vale a pena solicitar o registro de uma patente, haja vista que, no caso da patente do pilão mecânico, o depósito do pedido foi efetuado em 2004 e a patente só foi concedida em 2013, se considerarmos que este tipo de patente tem validade de 20 anos contados a partir da data de solicitação de registro?

Eu acho que foi uma experiência positiva. Contudo, do ponto de vista financeiro, não compensou. E aí é onde o Brasil perde, né? Nós perdemos na

nossa papelada. Enquanto se registram patentes em poucos meses no exterior, nós levamos anos!

Julgo que a patente foi muito importante para a UFG, porque foi a primeira experiência que gerou uma demanda bastante grande. Por exemplo, muitas pessoas estão usando o equipamento em Palmas. Recebi, inclusive, vídeos, nos quais consegui identificar pelo menos três tipos de modificações que melhoraram o equipamento. Então, isso traz pra mim uma grande satisfação de que valeu a pena o trabalho da Universidade, principalmente porque trata-se de um equipamento de custo acessível.

Algumas pessoas afirmam que universidades públicas não deveriam registrar pedidos de patente porque, segundo elas, os projetos desenvolvidos, normalmente, já seriam financiados com dinheiro público. Qual a sua opinião a respeito?

Eu discordo dessa opinião. Eu acho que as universidades é que são a fonte de geração de inovação e conhecimento do país, porque a iniciativa privada brasileira não investe em inovação. Então, além de contar com o apoio financeiro para desenvolver novas pesquisas, é importante poder contar com apoio para garantir a propriedade intelectual desse produto gerado, inclusive para financiar inovações.

A gente deveria, inclusive, ter dentro da universidade uma política que garantisse que o recurso financeiro resultante de uma inovação fosse empregado em inovação, e não destinado ao pagamento da conta de luz, por exemplo.

Então, eu acho que nós temos que patentear tudo o que é novo. Tudo o que alguém cria em uma universidade deveria ser patenteado, mas sem banalizar, é claro.

Ao final da minha carreira na Escola de Agronomia da UFG, eu percebi uma grande banalização do termo patente, em virtude de o produto gerar alta pontuação junto à Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior]. Em função dessa banalização, foi criado o NIT [Núcleo de Inovação Tecnológica], do qual eu fiz parte da criação, que lida com a propriedade intelectual na UFG.

Eu acho que falta seriedade em algumas pesquisas. Muitas delas não estão voltadas para a sociedade, para fora da universidade, sendo o princi-

pal objetivo publicar e obter pontuação no currículo Lattes.

Eu acho que uma pesquisa tem que resolver um problema. Na minha visão, o que eu fiz foi aplicado, foi para devolver à sociedade. Eu sempre trouxe problemas da sociedade para dentro do que eu fiz.

O que poderia ser feito para aumentar o número de patentes sem que elas se banalizassem?

Acho que seria necessário um pouco mais de seriedade do pesquisador, bem como um pouco mais de respeito da gestão para com o pesquisador, já que ele tem que dar aula, administrar, fazer extensão e ainda ir atrás de financiamento para desenvolver suas pesquisas.

Seria necessário melhorar as avaliações de projetos, bem como garantir que os financiamentos não sejam sempre destinados aos mesmos grupos. Ou seja, democratizar um pouco mais e dar mais transparência, bem como investir em uma seleção mais séria, feita por quem entende de pesquisa e de ciência, com o rigor de uma boa pesquisa.

Foto: Celso José de Moura



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
Instituto Nacional da Propriedade Industrial



Assinado
Digitalmente

CARTA PATENTE N.º PI 0401425-1

Patente de Invenção

O INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL concede a presente PATENTE, que outorga ao seu titular a propriedade da invenção caracterizada neste título, em todo o território nacional, garantindo os direitos dela decorrentes, previstos na legislação em vigor.

(21) Número do Depósito : PI 0401425-1

(22) Data do Depósito : 16/04/2004

(43) Data da Publicação do Pedido : 29/11/2005

(51) Classificação Internacional : A47J 43/04

(54) Título : PILÃO MECÂNICO

(73) Titular : FUNDAÇÃO DE APOIO A PESQUISA, Fundação Brasileira, CGC/CPF: 00799205000189. Endereço: LOC - Centro de Convivências S/N, Campus Samambaia, Goiânia, Goiás, Brasil (BR/GO), CEP: 74001970.; Sinobilino Barreira de Souza, Tecnologista, CGC/CPF: 00799205000189. Endereço: 904 Sul - Alameda 04 Lt. 71, Tocantins, Brasil (BR/TO), CEP: 77142410.

(72) Inventor : Celso José de Moura, Professor Universitário. Endereço: Rua R-20 Qd. 19 Lt. 14, Itatiaia, Goiânia, Goiás, Brasil, CEP: 74690450.; SINOBILINO BARREIRA DE SOUZA, Tecnologista, CGC/CPF: 00799205000189. Endereço: 904 Sul - Alameda 04 Lt. 71, Palmas, Tocantins, Brasil, CEP: 77142410.

Prazo de Validade : 20 (vinte) anos contados a partir de 16/04/2004, observadas as condições legais.

Expedida em : 17 de Dezembro de 2013.

Assinado digitalmente por
Júlio César Castelo Branco Reis Moreira
Diretor de Patentes